



AS GUERRAS DA CORÉIA, DO VIETNÃ E DAS MALVINAS E A PROLIFERAÇÃO NUCLEAR

Gélio Augusto Barbosa Fregapani

As Duas Guerras Mundiais foram para o nosso século XX agentes essenciais de transformação por terem revolucionado profundamente as relações de forças entre os Estados, dosando níveis de poder e concorrendo para que se reestruturasse toda uma hierarquia. A Primeira Guerra Mundial, ao lado do movimento das minorias étnicas, marcou todo um contexto de crescimento do nacionalismo. Criou também espaço para uma ideologia contrária ao nacionalismo, que pretendia dar predominância às massas proletárias. Estes dois sentimentos foram fonte de novas perturbações.

A ameaça ultra-nacionalista da Alemanha fez com que se unissem o Leste e o Oeste para a destruição do Nazi-fascismo. No seu conjunto, a II Guerra provocou a inde-

pendência das colônias, e, no final manteria apenas duas grandes potências — Estados Unidos e Rússia, que logo se antagonizaram.

Confronto Leste-Oeste

Se a Rússia saísse como vencedora perante a ideologia de direita de Hitler, teria que se confrontar com seu aliado na Segunda Grande Guerra, e agora rival; o líder do chamado mundo capitalista, os Estados Unidos. Formar-se-ia, então, na geopolítica do confronto, um eixo leste-oeste.

Os países dominados pela União Soviética formaram um bloco monolítico. Ao mundo livre só restou cerrar fileiras sob a liderança norte-americana, ou melhor, sob a proteção do guarda-chuva nuclear americano, que lhes assegurava a defesa do despótico regi-

me que a União Soviética tentava impor, mais pela força do que pela astúcia. O mundo dividiu-se em dois grandes blocos, cada superpotência com sua esfera de influência.

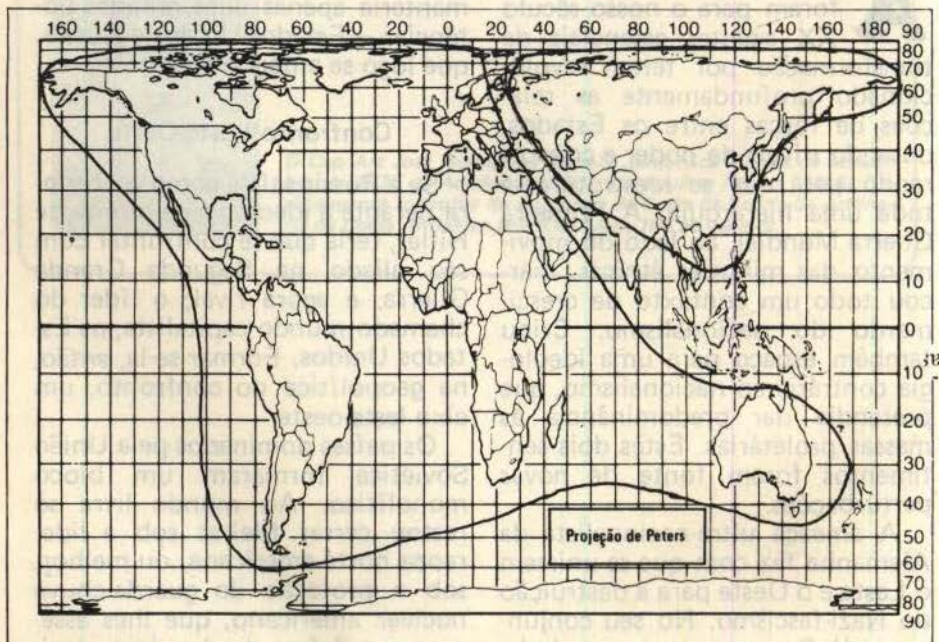
A superioridade nuclear inicial dos ocidentais esvaiu-se ante à persistência russa. Em face da perspectiva de confrontação, armazenaram esses países imensos arsenais nucleares, o suficiente para a destruição mútua, com conseqüências imprevisíveis para o resto do mundo, na antevisão de um verdadeiro holocausto nuclear.

Configurou-se, assim, uma situação de impasse, a que os estrategistas, de um modo geral, cognominaram de "equilíbrio de poder", delineando um quadro em que nenhuma das superpotências se sente interessada no confronto militar

direto com a outra. A capacidade nuclear passou a ser mais uma garantia que o inimigo não utilizaria contra quem pudesse revidar — a teoria da Dissuasão.

Aos poucos apareceram as primeiras dissidências. No Bloco Socialista elas foram contidas com mão de ferro. As rebeliões de Berlim, da Polônia e da Tcheco-Eslováquia foram esmagadas pela força, quando necessário. Os norte-americanos também pressionam seus parceiros, mas com muito mais suavidade.

Neste quadro, ambos os contendores tentam aumentar a respectiva esfera de influência. A URSS o fará também pela força, e percebe que, os Estados Unidos não tendo mais o monopólio nuclear, pensariam muitas vezes antes de revidar com armas atômicas



Mundo Bi-polarizado 1947

às pequenas agressões, e que só o fariam quando seus interesses vitais estivessem ameaçados. Então, inicia uma série de guerras localizadas, através de seus satélites e de outros estados que consegue influenciar.

Assim, espoucam diversas revoluções e mesmo agressões mais claras, como na Coréia. Estas nunca foram aventuras, mas sim uma série de golpes preparados e que não poderiam, segundo o cálculo dos dirigentes soviéticos, colocar em perigo a paz mundial nem as suas relações fundamentais com os Estados Unidos. A descolonização é incentivada. Paradoxalmente os internacionalistas soviéticos se utilizam do nacionalismo como fonte de revolta.

Os norte-americanos reagem criando a "Resposta flexível", mas fracassam agora em todas as frentes. O motivo é simples: Queriam agir somente com respostas militares quando o problema é social. Quando enfrentaram o comunismo em expansão na Europa com um plano de auxílio (Marshal), foram bem sucedidos mas no mundo subdesenvolvido havia outros condicionantes.

Historicamente, os EUA sempre haviam marcado sua política externa por interesse econômico. Desde a segunda metade do século passado, seus movimentos haviam sido de caráter nitidamente imperialista no Pacífico e no Caribe. Em princípio não haviam entrado em guerra por outras razões que não as de seus interesses puramente comerciais. Quando decididos a barrar o comunismo, faltava-lhes

no 3º Mundo, a autoridade moral que tinham na Europa.

A estratégia soviética deu resultado, mas surgiu no terceiro mundo um fator que ela mesma não tinha avaliado corretamente, e que se revelaria importante para o futuro: o crescimento militar, e em conseqüência da autonomia das pequenas potências, até então satelitizadas.

Se o impasse nuclear tem se mostrado favorável à expansão da influência da URSS, presta-se também à emergência de potências médias regionais, que, embora de importância limitada, ainda, vêm se constituindo progressivamente em peças indispensáveis no xadrez da política mundial.

Na Guerra da Coréia, os comunistas agiram através da China. As diversas circunstâncias como localização e necessidade de manter reservas para fazer face a uma ameaça mais importante fizeram com que, pela primeira vez, os norte-americanos assinassem a paz sem conseguir tudo o que se propuseram, mas haviam pelo menos detido os comunistas em suas fronteiras. Fora certamente um empate.

O crescimento militar da China e seu conseqüente novo orgulho foram-na afastado paulativamente da Rússia. Razões históricas e geográficas cooperavam para isto, e certamente se os russos houvessem vislumbrado este resultado, jamais teriam incentivado à guerra da Coréia.

Prosseguindo dentro da linha política de expandir o comunismo através de seus aliados, nas periferias, onde fosse ilógico uma reação

nuclear e improvável uma escalada da guerra, iniciou-se a invasão do Vietnã do Sul pelo seu vizinho do Norte, nos mesmos moldes da invasão que houvera na Coréia.

Reforçaram-se os laços do mundo comunista face à nova aventura, mas medidas diplomáticas e cuidados de evitar ameaças diretas à China, fizeram que o Vietnã do Norte tivesse que lutar sozinho, apesar de apoiado. Seria fácil contê-los; era o que parecia.

O desastroso desfecho desta guerra, cujas origens podem ser atribuídas à débil vontade nacional estadunidense de se envolver em uma guerra que não era deles, trouxe consigo conseqüências importantes.

Conseqüências militares: pela primeira vez, uma superpotência é militarmente derrotada por um valor militar inexpressivo, embora diretamente assistido por outras. Isto mostrou às pequenas nações que era possível resistir militarmente às pressões das potências de primeira grandeza, pelo menos no quadro atual da hostilidade bi-polar.

Conseqüências políticas: — Tendência à diminuição da interferência norte-americana, "Não mais Vietnã", era a palavra de ordem. O assalto à minúscula Ilha de Granada contraria a tendência, mas ela persiste.

— Esfacelamento da solidariedade do bloco comunista nos países pobres. A China acelerou seu afastamento e passou até ao antagonismo com a URSS. O Vietnã afastou-se da China, do mesmo modo que a China da Rússia.

— Aumenta o número de países neutros.

O Egito rompeu os laços que mantinha com os comunistas, e a maioria dos países da África Negra, ensaiou a seguir seu próprio caminho. Não se deve confundir esta tendência com a organização dos não "alinhados", de tendência pró-soviética.

A possibilidade de uma guerra nuclear é real. Entretanto, os arsenais nucleares soviéticos e estadunidenses são altamente questionáveis. O holocausto nuclear conseqüente de seu emprego não encontra qualquer explicação sensata pela razão humana. Em outras palavras, a disponibilidade de vários milhares de ogivas nucleares, capazes de extermínio em massa, é irrelevante se o adversário puder revidar.

O fato consumado, de que o controle desses artefatos esteja em mãos de duas únicas potências, afigura para ambas como um fator de muito maior segurança do que se estivesse dividido entre mais potências. É um fator limitativo de seu emprego e assegura o controle de seus satélites, de duas formas: uma, pela necessidade de proteção contra a superpotência inimiga; outra, pela ameaça da nova "última ratio" do século XX, representado pelas armas atômicas.

Se considerarmos a possibilidade de uma dessas superpotências fraquejar no confronto ou dela simplesmente desistir, o mundo estaria definitivamente à mercê da superpotência dominante, mas o monopólio nuclear por parte

das superpotências também é problemático para os que tiverem que se submeter a uma delas.

As superpotências justificam a não-proliferação nuclear com o direito de proteger sua própria segurança, em face da instabilidade e irresponsabilidade dos outros. Mas o direito inalienável das nações, não armadas nuclearmente, à sua própria segurança, é sistematicamente negado:

Enquanto o desarmamento não for prática de todos, alhear-se ou praticá-lo isoladamente é crime de lesa-pátria. (1)

Poucos países escapam à ameaça de chantagens; no ocidente, a França por uma questão de orgulho e a Inglaterra certamente com a cooperação norte-americana; recentemente, acredita-se que também, Israel e a África do Sul; no Oriente, a China e a Índia, a custo de grandes esforços de seus povos e determinação dos seus dirigentes.

A estas nações ninguém ousa fazer chantagens atômicas. Seus arsenais, aliás, diminutos, mantêm a distância o inimigo ideológico e, em certos casos, os aliados. Vejamos a China x URSS, e pensemos também se haveria a ameaça nuclear britânica, caso a Argentina dispusesse deste meio de dissuasão.

Isto tudo é conhecido. O que não se julgava possível é que uma pequena potência pudesse derrotar militarmente uma grande, ainda que sob a proteção nuclear da superpotência aliada. Assim, concluímos que, contando com a proteção nuclear de uma das su-

perpotências ou com sua própria pequena força nuclear, qualquer potência média pode fazer seu jogo próprio, até mesmo contra uma das grandes.

Geopoliticamente, o que resultaria destes novos dados?

A MULTIPOLARIDADE

Ainda repercutem em nossas lembranças as definições de Mackinder, Haushofer e Ratzel sobre as PAN-REGIÕES. Assim, haveria um pan-germanismo abrangendo a Europa e sua colônia, a África; um pan-eslavismo, ocupando o núcleo eslavo e suas colônias do Leste, e um pan-americanismo com os Estados Unidos e seus satélites. Em face da recusa japonesa em desempenhar um papel assim subalterno, este conquistaria uma parte do mundo, que eles apelidariam de Esfera de Coo-prosperidade Asiática.

Esta divisão atenderia ao anseio de diversas nações, mas manteria outras como satélites ou mesmo colônias. As nações que desejassem outra coisa, que fizessem como o Japão, se pudessem.

Isto era difícil, mas não impossível. O sonho japonês desfez-se na fumaça do cogumelo atômico. Parecia que a Pan-América e a Pan-Eslávia haviam destroçado a Pan-Germânia e dividido o mundo entre si, tal como novas Roma e Cartago. Entretanto, a defecção chinesa e a resistência vitoriosa do Vietnã demonstraram a possibilidade de independência, ainda que dentro do jogo de confrontação Leste-Oeste.

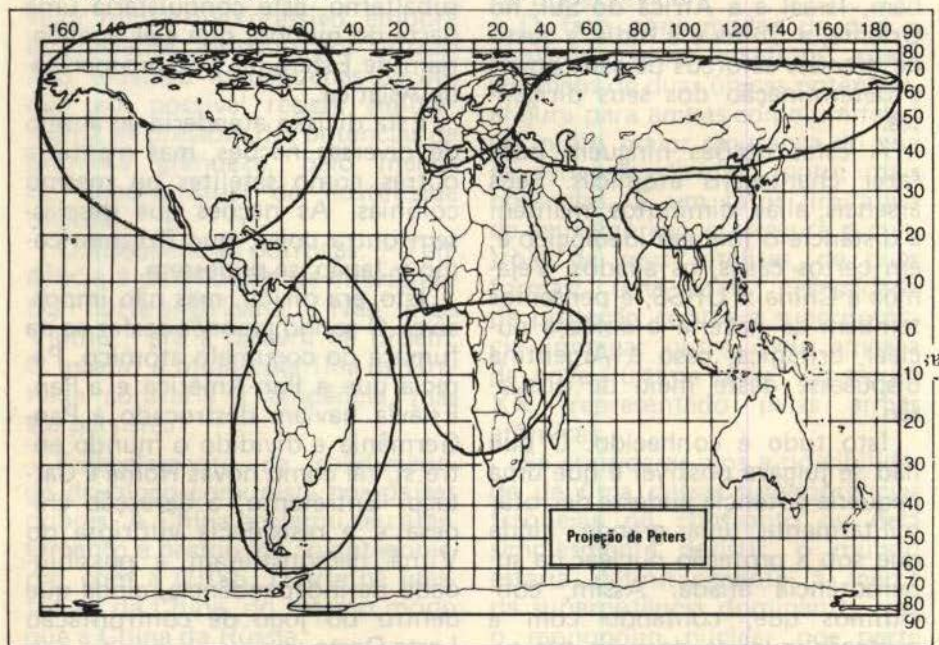
Os próprios japoneses descobriram um caminho alternativo sob circunstâncias especiais. Mas é a China que levanta a verdadeira questão: o confronto não é somente Leste-Oeste, mas também Norte-Sul. Neste confronto, os blocos não são coesos, ou melhor, o Sul é uma colcha de retalhos e o Norte está dividido. A divisão do Norte é a oportunidade que as pequenas potências do Sul têm de jogar o seu jogo. Unir-se o Sul é impossível, mas a integração de certas áreas seria bastante vantajosa.

O apoio norte-americano à Inglaterra nas Malvinas destruiu o mito Pan-americano. Para todos ficou claro que a verdadeira lealdade das democracias ocidentais é uma para com as outras, e não para com suas colônias, satélites ou esferas de influência.

Neste jogo de lealdade, a União Soviética e a América do Norte continuam a ser os grupos hegemônicos, mas não únicos. (2) A China se aproxima do Japão, formando um polo Asiático.

A Europa Ocidental por vezes ensaia constituir-se também em um polo, certamente afinado com os Estados Unidos, mas não satelitizado. O mundo islâmico, motivado pela existência de Israel, esboça também constituir-se em um polo pan-arábico ou pan-islâmico.

A África Negra poderia também aproximar-se tendo apenas em comum a geografia e a cor da pele, mas isto ficará afastado para um futuro remoto pela instabilidade e rivalidade reinantes no continente negro e pela insignificante expressão militar, incapaz de defender seu interesse.



Mundo Multi-polarizado 1987

Quanto a América Latina, as condições lembram as africanas, mas bastante atenuadas. Pode mais facilmente constituir-se em um bloco, e a atual pressão da dívida externa fará acelerar o processo.

A ganância e a cequeira política norte-americanas forçando demasiadamente os juros da dívida, provocam ao sul do Rio Grande o mesmo que o Estado de Israel provoca entre os árabes: a união.

A conceituação atual de multipolarização não pode ignorar a preponderância da América do Norte e da União Soviética, mas também está claro que estas não conseguiram impedir a existência de potências médias nucleares ou não, formadas pelos sentimentos de auto-defesa, e certamente não conseguirão impedir a integração relativa dos demais polos

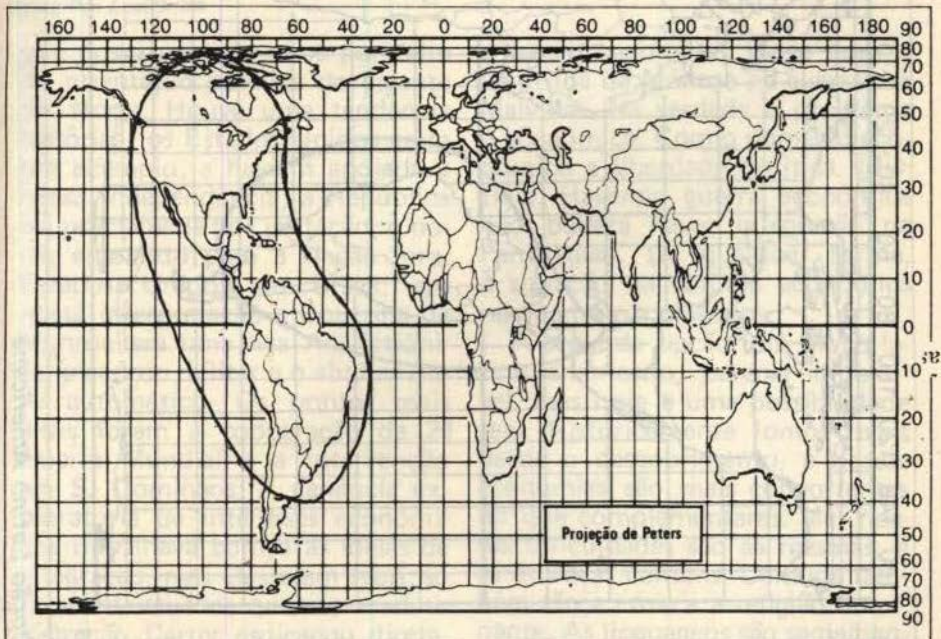
de poder. Com o mundo multipolarizado, uma guerra entre Estados Unidos e União Soviética poderia até não ser uma guerra mundial, e o que é mais importante haveria outras condições de soberania para os demais.

OPÇÕES DO BRASIL:

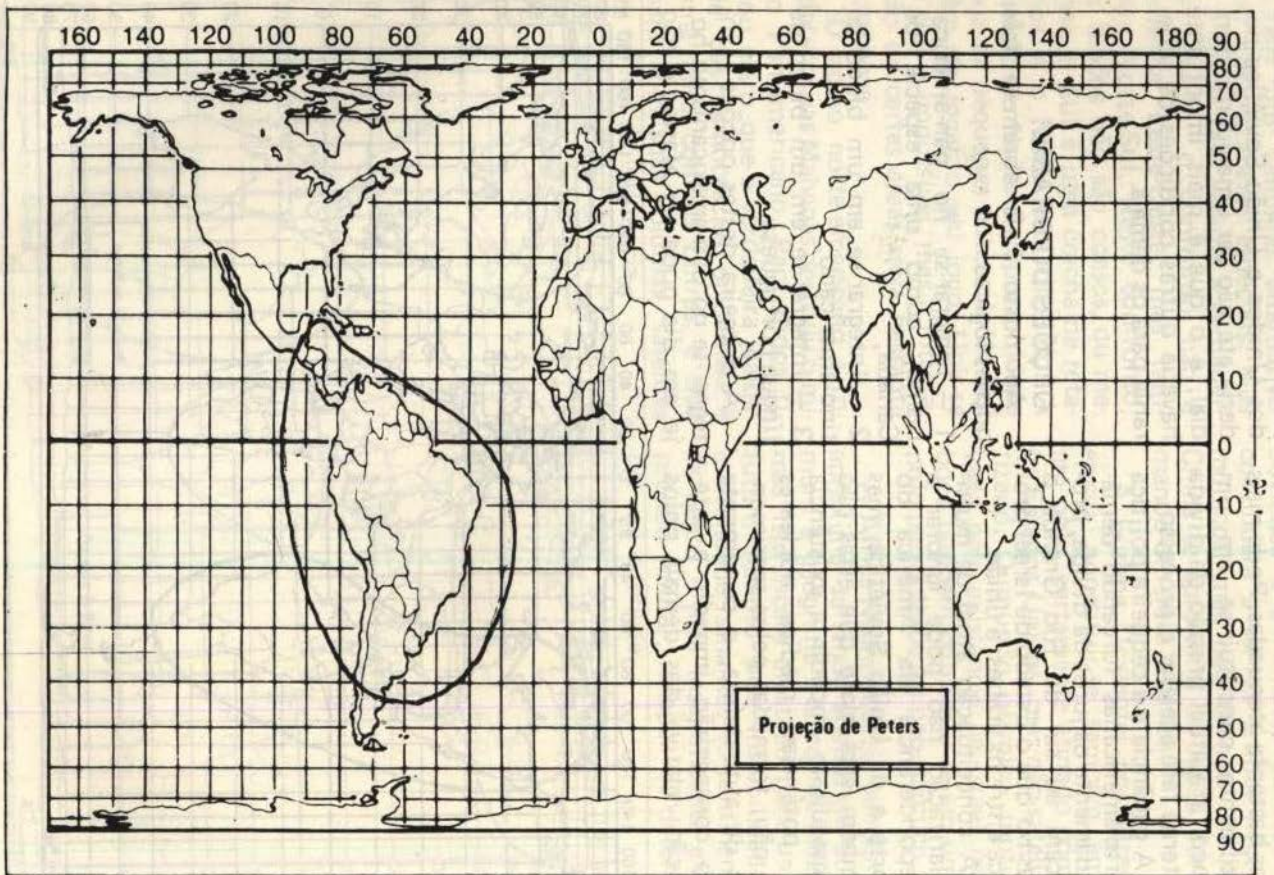
Ao nosso País abrem-se três opções lógicas:

- 1 — Integrar-se no pan-americanismo, como uma espécie de Canadá;
- 2 — Integrar-se em um bloco latino-americano;
- 3 — Integrar-se em um bloco de língua portuguesa.

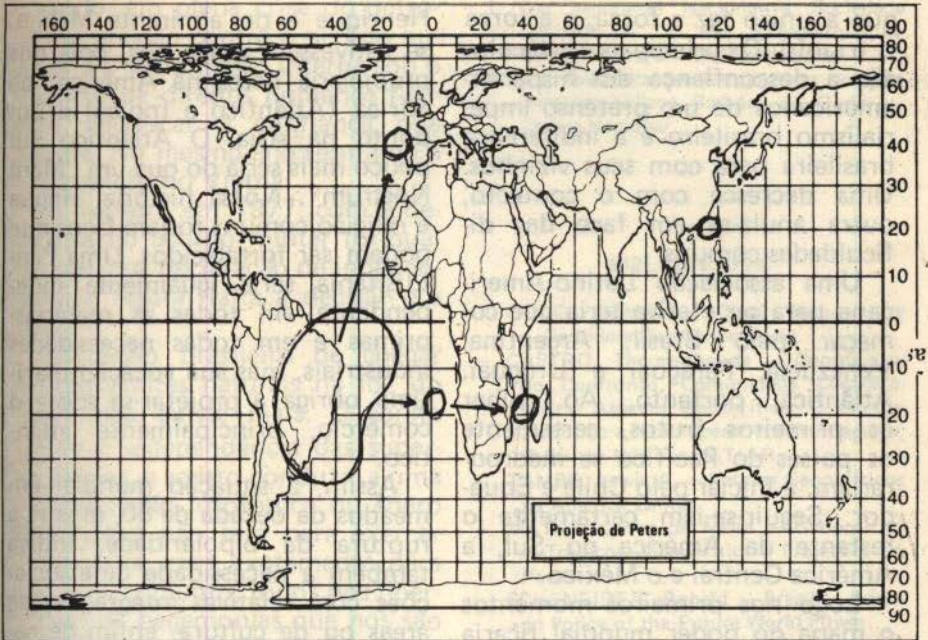
A primeira destas opções — integrar-se no pan-americanismo hoje em dia pode ser afastada, não



Opção Pan Americana



Opção Latino Americana



Opção Pan Lusitânica

por nossa vontade, mas por falta de orientação política do gigante do Norte. Houve uma tendência histórica; os Estados Unidos eram um exemplo, e haviam apoiado a nossa Independência; a República foi proclamada por imitação; o nome escolhido para a Nação fora: Estados Unidos do Brasil; em nossa interpretação a Doutrina de Monroe era uma liga Antifictícia; o acordo militar e o alinhamento automático. Os pontos mais altos foram a cooperação da 2ª Guerra Mundial e a intervenção em S. Domingos. A ganância exploratória de interesses econômicos trabalhava contra as idéias de integração, mas eles eram reais; só foram destruídos quando a administração Carter espicou diretamente os brios dos brasileiros

e foram sepultados junto com a Doutrina de Monroe na guerra das Malvinas. Na verdade o problema é econômico. Com o domínio econômico a liberdade política é fictícia. Havendo guerra econômica não poderá haver integração na Pan-Região. De qualquer forma, a situação da colônia econômica não convém a ninguém.

A segunda opção, um bloco latino americano, parecia impossível, mas hoje é uma possibilidade real. Historicamente fomos rivais desde o descobrimento, e nossas economias são mais concorrentes do que complementares. Mas nossas dificuldades são as mesmas, e as ameaças comuns. Comuns também são a etnia e a religião dominante. As linguagens são semelhantes. A cada dia cresce o conceito

que a união faz a força, e a força o triunfo. Os principais obstáculos são a desconfiança dos hispano-americanos de um pretensão imperialismo brasileiro e a indiferença brasileira para com seus vizinhos. Uma decresce com o contacto, outra anula-se em face das dificuldades comuns.

Uma associação Latino-Americana para ser efetiva teria que começar pelo Brasil, Argentina, Venezuela, Paraguai e Uruguai. Atlântica, portanto. Ao colher os primeiros frutos, certamente os países do Pacífico se incorporariam, a iniciar pelo Chile e Equador. Seguir-se-iam certamente o restante da América do Sul, a América Central e o México.

Logo nos primeiros momentos o mapa do poder mundial ficaria alterado: A nova Pan-Região, independente em todas as matérias-primas, teria também condições de atender a todas suas necessidades industriais. Ainda que sem possibilidades de projetar força em outros continentes, seria bastante forte em seu próprio espaço. Poderia falar de igual para igual com qualquer grupo, e embora alinhado filosoficamente com os Estados Unidos, estaria livre de quaisquer imposições.

A terceira opção, a aproximação em um bloco lusofônico, também tem suas vantagens e desvantagens. Seria uma aliança extremamente marítima, e só parece vantajosa se estivermos dispostos a incentivar extraordinariamente nossas frotas, mercante e armada, pois, do mar dependeria o sucesso. Esta opção seria a proferida do Infante

Henrique e do almirante Mahan, se estivessem entre nós, pois nos propiciaria bases na América, na África (Atlântico e Índico) e um ponto na Ásia. O Atlântico Sul pouco mais seria do que um "Mare Nostrum". Nossa história, língua e religião comuns forjam laços que podem ser fortalecidos. Uma Pan-Lusitânia seria igualmente independente em todas as matérias-primas e em todas necessidades industriais, mas sua vocação marítima obriga a projetar-se sobre o comércio, principalmente atlântico.

Assim, a situação mundial em meados da década de 80, mostra a ruptura da bipolaridade. Indica também a necessidade de associações com relativas integrações de áreas ou de cultura, enfim de nações. Os que primeiro perceberem e agirem neste sentido aproveitarão as oportunidades enquanto elas existem.

Existe uma norma, segundo a qual nenhum país age conscientemente contra seus próprios interesses. É óbvio. A ação de cada país visa servir os interesses nacionais. A história da humanidade já viu o aglutinamento dos grupos humanos, até a formação de nações. Podemos estar na época da relativa integração de nações, mas quando a associação não convém, até os lobos trocam de alcatéia, ou formam a sua própria.

O Brasil, que acompanhara firmemente os Estados Unidos em duas guerras mundiais, e que desde 1964 estivera a seu lado na guerra fria, começou a questionar a atitude norte americana em 1975,

quando, em plena crise do petróleo, a pressão contra o acordo nuclear e a intromissão interna sob o disfarce de direitos humanos fizeram decrescer a confiança que existia. No mesmo ano terminou a intervenção no Vietnã.

A ruptura em 1977, com a denúncia do acordo militar foi quase que uma declaração de independência. Agora, falta a decisão e a ação.

O sonho brasileiro de chegar a seus limites naturais na foz do Prata não existe mais. O sonho agora é independência das superpotências, e se isto conduzir a uma confederação lusofônica ou Ibero Americana não será para exercer hegemonia, mas exatamente para que, em conjunto, todos nos libertemos de hegemonias que nos são prejudiciais. O importante para a convivência e para a integração é a substituição da exploração desenfreada pela cooperação fraterna.

1. Ver segurança Nacional e Sociedade Solidária — Do Maj Brigadeiro Luiz Carlos Aliandro — Defesa Nacional.
2. Ver considerações Geopolíticas do Cmt Vintceas Villaça Barbosa de Godoi — Defesa Nacional.

BIBLIOGRAFIA

- GODOI, Vintceas Villaça Barbosa de — Considerações Geopolíticas.
- CASTRO, Therezinha de — Geopolítica do Confronto, Comunidade Luso-Brasileira: Aspecto Geopolítico, O Mundo Atlântico e seus imperativos estratégicos, O Ser e o Não Ser do TIAR.
- TAMBE, Lewis A. — Fatores Geopolíticos na América Latina.
- MATOS, Carlos de Meira — Geopolítica e Trópicos, Geopolítica e Projeções do Poder.
- SCHENEIDER, Ronald — Brazil — Foreign Policy of the Future World Power.
- WANDERLEY, Nelson Freire Lavanère — A Paz Nuclear.
- WIEGAND, Robert D. — A Estratégia dos Estados Unidos da América.
- BOER, Nicholas — A Implacável sede de Poder do Império Russo.

O Cel Inf QEMA Gélío Augusto Barbosa Fregapani, possui os cursos de Carreira do Exército, mais os de Ed. Física, Paraquedismo, Comandos, Guerra na Selva, Comunicação Social e o de Ação Cívica do Exército Norte-Americano, além de Planejamento Governamental e o de Mestrado em Ciências Políticas, na área Civil. Prestou serviços no 7º RI, 1º B Fron, Bd Pqdt e DGS onde introduziu inovações no Material de Intendência. Foi coordenador do Curso de Comunicação Social do CEP e comandou o Centro de Instrução de Guerra na Selva. Atualmente chefia a Assessoria de Pesquisa e Cultura do Departamento de Ensino e Pesquisa.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
BIBLIOTECA DO EXÉRCITO